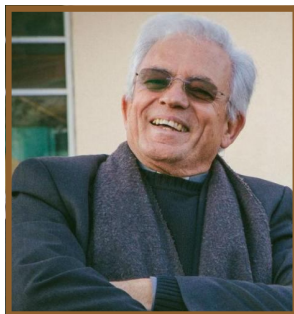


A FORÇA DA FÉ



**PÔS-SE, A VIDA TODA, AO SERVIÇO DOS OUTROS.
SOBRETUDO, DOS MAIS VULNERÁVEIS.
NA TENTATIVA DE ALIVIAR O SOFRIMENTO ALHEIO,
PASSOU HORAS SEM FIM NAS PRISÕES E NOS HOSPITAIS.
QUANDO FICOU DOENTE PÔS-SE NAS MÃOS DOS MÉDICOS. E DE DEUS.
SEMPRE DEUS. A QUEM CONSAGROU A VIDA.**

A 28 de março de 1944, nascia, na Gafanha do Carmo, João Gonçalves.

Sentiu, desde cedo, o chamamento de Deus e não hesitou em segui-lo. Foi ordenado Padre em 21 de Dezembro de 1969.

Hoje, aos 72 anos, João Gonçalves é protagonista de filmes, livros e homenagens, que o fazem feliz e que agradece, mas a que, genuinamente, não dá grande importância. Antes mesmo de escolher o sacerdócio, já tinha escolhido ao lado de quem, nesta dimensão terrena, ia estar: dos mais

vulneráveis e frágeis, dos errantes e dos sofredores. E fê-lo por acreditar na regeneração que diz ser sempre possível. E fê-lo porque foi sempre junto destas pessoas que se sentiu mais perto de Deus.

Foi Capelão do Hospital de Aveiro (ainda o é, mas de forma voluntária) e é o Coordenador Nacional da Pastoral das Prisões e Director de Instituições de Solidariedade Social.

Conhece muito bem, portanto, o tormento e o sofrimento alheio. Foi, de resto, por aqui que sempre se movimentou.

Para além do sorriso, é a energia serena uma das marcas mais fortes do Padre João Gonçalves. Homem de mil afazeres, sentiu-se sempre saudável e, claro, muito grato.

Porém, um dia antes de completar 71 anos sentiu-se nauseado e a perder a força, “estranhei”, conta, “mas não fiquei muito preocupado”.

Depois de uma noite de mal estar, dirigiu-se ao Hospital onde, durante anos a fio, prestou auxílio espiritual aos doentes e familiares.

“No serviço de Urgência fiz uma bateria de exames e decidiram internar-me. Pouco tempo depois, um médico-cirurgião aproximou-se e perguntou-me se eu sabia o que tinha. Respondi-lhe que me disseram metade e que, a outra metade, adivinhei-a eu.

“ Sim, o Padre João Gonçalves tinha um tumor maligno nos intestinos e ficou a sabê-lo, justamente, no dia em que completava 71 anos. “ Não fiquei assustado. Na verdade não me preocupei especialmente com nada. Apenas pensei, com muita serenidade: é a minha vez! Sentia ser a mesma pessoa de sempre. Tenho a sensação de que as pessoas à minha volta dramatizaram mais do que eu”, conta, sempre de sorriso aberto.

E foi assim, sereno, que partiu para intervenção cirúrgica, não sem antes lhe terem explicado que, muito provavelmente, acordaria com um saco e algaliado.

“Enfim, não posso dizer que a ideia de dependência dos outros me deu conforto. Mas tentei sobrepor a este, outro pensamento: o facto de me irem fazer uma intervenção cirúrgica e de me colocarem um saco não deixava de significar esperança. Não que genuinamente tivesse medo de

morrer, mas, confesso, preocupava-me o sofrimento dos que estavam à sua volta e a sofrer com a situação. Sobretudo, a minha irmã. Mas também outros familiares e amigos”, diz.

Esta sobreposição de pensamentos, o positivo por cima do negativo, não é uma capacidade inata e o Padre João Gonçalves, que passou a vida a tentar que os outros a adquirissem, conseguiu, nesta fase da doença, fazer do otimismo e da gratidão fortes aliadas contra a doença. A verdade é que o seu devoto e verdadeiro amor a Deus foram essenciais para combater o medo, que está sempre latente na condição humana.

“ Não fiquei assustado. Na verdade não me preocupei especialmente com nada. Apenas pensei, com muita serenidade: é a minha vez!

A cirurgia correu bem e, de facto, a algália e o saco passaram a fazer-lhe companhia e a desafiá-lo para aceitar sem rancores, nem revoltas esta sua nova condição: fazer e estar em paz com a doença!

Convalesceu durante uns meses, dos quais lembra o carinho e os mimos das tantas pessoas que o visitaram, que lhe deram alento, que o ajudaram a gostar ainda mais da vida e que lhe encheram a reserva moral para a etapa que se seguia: a quimioterapia.

O Padre João não sabia exatamente pelo que ia passar, mas, anos e anos a acompanhar doentes permitiam-lhe adivinhar que o que tinha pela frente era

exigente, quer sob o ponto de vista físico, quer sob o ponto de vista psicológico.

Foi em maio, no mês da Nossa Senhora, que iniciou os tratamentos: “Não posso, nem devo, mentir: as sessões de quimio eram de 15 em 15 dias e, em si, não custavam nada. O problema eram os efeitos secundários que interferem muito na qualidade vida”, confessa o Padre João, que afirma que as aftas, o cansaço extremo e um incómodo generalizado estavam no top da lista.

“Por outro lado, a adaptação ao saco foi, de facto, complicada. Sobretudo, à noite. Não

conseguia dormir. Passei várias noites em claro”, conta.

NUNCA É FÁCIL ACEITAR A DEPENDÊNCIA

A situação de fragilidade e de vulnerabilidade com que as sessões de quimioterapia deixam as pessoas equivalem, quase sempre, a um aumento da dependência em relação aos outros para os gestos mais simples do quotidiano.

O Padre João conta que, a dada altura, teve um sentimento revelador, quase transformador: “Quando na cadeira de rodas, a falar com o meu colega de quarto, que estava na cama, de repente, senti que quase não era a mesma pessoa, pois naquele momento estava a falar com conhecimento de causa, não era só Capelão do hospital e achei isto fantástico”, partilha.

Na verdade, da experiência que tinha como Capelão Hospitalar, já antevia essa dificuldade de aprender a lidar, sem revolta, com a dependência. “É difícil, muito difícil, de repente, deixarmos de conseguir ir, sozinhos, à casa de banho ou tomar banho sem ajuda. É difícil, muito difícil, pedir para nos mudarem o saco ou nos auxiliarem com a algália.

Por outro lado, a adaptação ao saco foi, de facto, complicada. Sobretudo, à noite. Não conseguia dormir. Passei várias noites em

É difícil, muito difícil, sobretudo quando precisamos dos outros para atos da nossa intimidade. Na realidade, eu já tinha essa percepção dos vários contactos com doentes. Confirmei-a, dolorosamente, mas com serenidade na primeira pessoa quando me vi nessa situação de dependência. Era eu, agora, que estava desse lado e sim, não é fácil”, confessa, sem qualquer tipo de complexos, até porque o Padre João Gonçalves, para não se deixar angustiar com a situação. Depressa se esforçou para exercitar o otimismo e dar a volta: “Vistas bem as coisas, nessas situações há que valorizar o facto de termos alguém ao nosso lado para nos dar a mão, para nos ajudar, para fazer connosco aquilo que não estamos a conseguir fazer sozinhos”, afirma e é neste momento

que insiste em fazer aquela que considera “a justa” homenagem aos profissionais de saúde, sobretudo, neste aspeto, aos enfermeiros e assistentes operacionais: “a dedicação desta gente é extraordinária. Disponíveis hora a hora, minuto a minuto, sem nunca

“ Não fiquei assustado. Na verdade não me preocupei especialmente com nada. Apenas pensei, com muita serenidade: é a minha vez!

deixarem transparecer cansaço ou má disposição”. Depois das sessões de quimioterapia, foi submetido a uma segunda intervenção cirúrgica, com o objetivo de dar normalidade ao percurso intestinal. Não correu bem. Voltou a pensar um mau bocado. Com incómodos, desconforto e incertezas. Nunca fala em dor.

Curiosamente, só um mês após a sessão de quimioterapia é que sentiu os efeitos secundários que, de resto, diz durarem até hoje: “tenho hiper sensibilidade nas pontas dos dedos, sinto frequentemente dormência nas palmas das mãos. Os pés estão sempre pesados, inchados e frios”, são as sensações que o Padre João Gonçalves continua a experimentar, sendo que a última sessão de quimioterapia foi feita a 16 de outubro de 2016.

“A quimioterapia é tão forte que, de facto, sinto os efeitos desagradáveis, mas é necessária porque erradica o cancro”. Sim, o Padre João Gonçalves está, neste momento, sem nenhum sintoma da doença. Ainda assim, mantém a vigilância, com as consultas e exames periódicos, mas não vive sobressaltado.

De resto, já retomou em pleno a sua agenda, sempre sobrelotada.

A esta curta distância dos momentos mais pesados da doença, João Gonçalves é peremptório ao falar da sua relação com Deus: “Nunca lhe pedi saúde porque achava que, se fosse de a ter, não precisava de lha pedir. Acho que no momento mais duro e de maior debilidade, pedi duas coisas a Deus: que, quando as dores chegassem, me mantivesse o meu humor e que um grande amigo e colaborador, que era Professor de Moral, fosse destacado para o trabalho com as prisões, porque, na verdade, sabê-lo lá, a continuar o trabalho, dava-me uma enorme tranquilidade e serenidade”. E as duas bençãos foram

lhe concedidas e João Gonçalves pôde, finalmente, assumir a sua condição de doente otimista.

“Sim, sempre fui otimista.

Por outro lado, a adaptação ao saco foi, de facto, complicada. Sobretudo, à noite. Não conseguia dormir. Passei várias noites em

Ser pessimista seria deitar por terra aquilo em que sempre acreditei. Sei o quanto vale a força da fé, da espiritualidade, da vida e da naturalidade da morte”, refere João Gonçalves que, aproveita para deixar um pedido: “Não sei quando morrerei, mas peço que quando acontecer, em vez

de levarem flores, - também podem levar! - quero muito que levem arroz, massa e outros bens alimentares, para serem distribuídos aos mais necessitados...”.

E feito o pedido, termina o Padre João Gonçalves com aquilo em que verdadeiramente acredita: “Deus está latente nas nossas vidas. Todos nós temos a semente de Deus. Deus é a transcendência daquilo que não está em mais parte nenhuma, nem no medicamento, nem no médico, nem na família. Deus tem o seu lugar e é solidário na dor. Sobretudo, Deus não me abandona”.

Obrigado Senhor Padre João Gonçalves. Por tudo, mas hoje, também pela expressão da força da fé e do otimismo.

